

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Lourdes Regina PORTO

**EM BUSCA DO FUTURO PERDIDO: A PRESENÇA FRANCESA E O
GALICISMO DAS ELITES NUM CONTO NOVO DE MÁRIO DE ANDRADE**

São Paulo

2013

LOURDES REGINA PORTO

**EM BUSCA DO FUTURO PERDIDO: A PRESENÇA FRANCESA E O
GALICISMO DAS ELITES NUM CONTO NOVO DE MÁRIO DE ANDRADE**

Trabalho temático interdisciplinar apresentado para avaliação dos docentes da grade curricular do 1º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

São Paulo

2013

*São Paulo! Comoção de minha vida...
Galicismo a berrar nos desertos da América!*

Inspiração
Poema de Mário de Andrade
(in Paulicéia Desvairada)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 ILUSÕES ECRULADAS.....	7
3 AVANT LA LETTRE: ENTRADA À FRANCESA	9
4 A IMIGRAÇÃO: INVISÍVEL OU INTANGÍVEL?	10
5 DA EDUCAÇÃO, DA ÉTICA E DA ETIQUETA	11
6 REFLEXÃO FINAL: A PALAVRA E O SENTIDO	12
7 BIBLIOGRAFIA	13

1 INTRODUÇÃO

A imigração francesa transcorreu de forma lenta e “invisível” no Brasil ao longo de um século, aproximadamente entre 1840 e 1940. Não obstante um movimento de maior ênfase no período que rege a Primeira República (1889 a 1930), o contingente francês chega à passagem do século sem ultrapassar a casa de 1,55% da totalidade dos imigrantes europeus, contra 63,38% dos italianos e 21,13% dos portugueses (SANTOS, 1998). Embora diminuta e numericamente inexpressiva, em relação aos demais movimentos imigratórios, é a população francesa que se estabelece no País que vem a conquistar um status social de prestígio no imaginário brasileiro que povos originários de outros países tão cedo não conheceriam.

Sua chegada discreta carrega um ideário simbólico que iria exercer forte impacto sobre a formação de hábitos e comportamentos locais, redefinindo padrões da vida social, artística, cultural e intelectual das elites brasileiras. Seu território de “ocupação”, contrariamente ao da maior parte dos imigrantes mediterrâneos, destinados à lavoura e ao campo, será a cidade e a vida urbana. Têm por principais portas de entrada e posto de fixação as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Sua presença cotidiana no espaço coletivo das urbes e na história privada das famílias, embora marcante, ainda hoje constitui uma história lacunar marcada pelo paradoxo. Tal “vazio historiográfico” em relação ao tema ainda hoje surpreende. Abordado de forma secundária, poucos estudos se detiveram sobre o assunto, não obstante seu franco relevo no imaginário e no seio social que precede a modernidade e o modernismo em São Paulo e no Rio de Janeiro, capitais que tampouco passaram ao largo da Belle Époque, sua expressão mais libertária e hedonista.

Espírito arguto e observador de sua época, o multifacetado escritor e intelectual Mário de Andrade (1893-1945) por várias ocasiões trouxe o tema à tona em sua produção criativa, incidindo uma luz indireta sobre o assunto, nem por isso de teor menos sociológico, histórico ou crítico em sua sagacidade.

Modernista, nacionalista e cúmplice dos projetos e manifestos Pau-Brasil e Manifesto Antropofágico, redigidos por Oswald de Andrade, Mário de Andrade defendia um cosmopolitismo de feição nacional e contemporânea. Intelectual dos mais complexos e prolíficos de seu tempo era tão contrário ao xenofobismo quanto aos estrangeirismos vazios e meramente imitativos.

No conto “Atrás da Catedral de Ruão”, o quarto da coleção “Contos Novos” – projeto que o ocupa por duas décadas e que só conheceu publicação postumamente, em 1947 –, o tema da imigração francesa surge no saboroso contexto de um “instantâneo” de época, protagonizado por certa Mademoiselle, preceptora francesa de duas mocinhas de abastada família paulistana. Aqui, o contista, esse “pescador de momentos singulares cheios de significação”, na definição do literato Alfredo Bosi, se ocupa de narrar – e apenas narrar, sem qualquer juízo de valor – o que se passa no íntimo solitário e indizível de Mademoiselle.

Tendo por foco imediato de leitura o tema da sexualidade – mais precisamente, a sexualidade reprimida, recalcada da personagem –, o autor também descreve um cenário emblemático da burguesia da época, tipificado pelo comportamento das duas jovens naquilo que representam, ainda ingenuamente, de valores e ideologia.

O presente estudo busca demonstrar como ele o faz. Menos pelos procedimentos literários empregados e mais pela observação das informações de época lançadas pelo o autor feito pistas, em seu modo muito particular de descrever criticamente em subtexto, e com a mais fina ironia, o comportamento habitual dessa elite – aspecto menos abordado pela crítica e pelos estudiosos, certamente em função do sedutor valor de face do tema principal: o erotismo.

Assim, em busca de uma maior compreensão e contextualização da bizarra personagem no contexto da época, a pesquisa assume o viés de uma investigação sobre a imigração francesa e suas consequências no Brasil, para tentar referenciar as circunstâncias históricas reais que engendraram o contexto fictício em que o episódio, em toda sua perfeição literária, se dá.

2 ILUSÕES ECRULADAS: O CONTO “ATRÁS DA CATEDRAL DE RUÃO”

Inicialmente, cumpre observar, desde o título, a referência cultural que o autor faz *a priori* ao território estrangeiro, por meio de uma edificação arquitetônica francesa: a Catedral de Ruão (no fr. original, *Cathédrale Notre-Dame de Rouen*). Embora palco do imaginário clímax dramático do conto, supostamente ambientando na cidade de São Paulo, trata-se em verdade de uma igreja gótica construída no século XII em uma antiga região da Normandia francesa denominada Ruão (Rouen), local que o autor sugere, assim, como dupla procedência da pudica personagem e de sua devassa fantasia sexual.

O conto permite várias camadas de leitura, sendo a principal de conotação erótico-sexual no desejo reprimido, recalcado da donzela virgem (*pucelle*, no francês), identificada como solteirona. O texto foi fartamente estudado e analisado sob múltiplos aspectos freudianos na perspectiva da sexualidade e dos atos falhos, no conto simbolizado recorrentemente pelo “*tromper de lisière*” (RABELLO, 1999).

Aqui tomando, bem a propósito, por ponto de inflexão o próprio e enigmático vocábulo francês *lisière* em sua múltipla acepção (limite, fronteira, tiras de pano), vamos nos ater à sugestiva expressão *tenir en lisière* (exercer tutela), que igualmente lhe cabe, como atalho de inserção da personagem em uma interpretação de cunho histórico e social de seu papel no ambiente da vida privada burguesa na São Paulo do início do século 20.

Mademoiselle exerce a tutela de duas mocinhas, as quais o autor sabe bem tipificar como pertencentes à classe privilegiada da época, “jogadas de criada em criada, de colégio em colégio, de língua em língua, de esporte em esporte” (ANDRADE, 1924-1942). Mas não só. Viajadas e já quase mais cosmopolitas que a própria tutora, ousam uma inversão de papel: ultrapassar o “agente civilizador”. “Além do inglês e do alemão [...] voltavam falando um francês bem mais moderno e leal que o da professora, estagnada no ensino e nas suas metáforas suspeitas” (id.)

A decadência da tutora talvez seja uma metáfora da decadência estrangeira, e à Mademoiselle já não caberá muito mais do que corrigir imperativamente os modos das meninas à mesa em seu “horror incontrolável aos cotovelos”, em se apiedar indevidamente de suas viagens (“Mes PAUVRES enfants!), em se pretender companhia de mesmo status e, agora, partilhar cumplicidades e malícias. “E assim ajudavam Mademoiselle, coitada.”

Professora e dama de companhia, francesa espontaneamente exilada e sem familiares no país, ao que se subentendem, Mademoiselle é uma mulher sem ilusões: *Je ne veux pas des rêves! Les chats me suffisent!* (Eu não tenho sonhos! Os gatos me bastam!) A aparente frivolidade com que tudo se dá no texto não esconde a gravidade de um drama que é não só individual como coletivo. Em um de seus textos mais duros sobre a burguesia paulista (Oração do Paraninfo)::

O contraste entre os nossos progressos viajeros e a nossa principiante civilização, nos leva a importar professores de terras mais completas. E esses professores emigrados, não emigraram por prazer; está claro, **ninguém emigra por prazer**. Dá-se necessariamente uma conformação nova de ideal, provocada em parte pela confusão existente na terra nova, em parte pela própria ambição. (ANDRADE, São Paulo: Martins Editora, 1965)

Se não há qualquer vestígio de luta de classes no conto, há secretamente uma luta de culturas que corre entrelinhas, inconscientemente, com franco pêndulo entre superioridades, como quando a preceptora, por exemplo, dirige-se a uma das jovens como “petite rabelaisienne”, numa referência erudita ao tom satírico e picaresco do escritor renascentista François Rabelais mas não só: também numa demonstração de longa linhagem cultural, de saber e, portanto, de poder, conforme Francis Bacon.

O autor introjeta valores culturais por meio da própria linguagem, aos poucos metamorfoseada por termos franceses e neologismos galicistas, como “frolar” (de *froler*, roçar), “afrosa” (de ter *froid*, frio), “cochoneria” (de *cochonnerie*, porcaria), “tarlatanagens” (de *tarlataner*, no dialeto normando, proferir safadezas), “buscular” (de *bouscouler*, empurrar) e “ecrudadas” (de *écrouler*, colapsar). Para arrematar, num imprevisto anglicismo na cena final, com o verbo “kidnapar” (de *kidnap*, sequestrar).

3 AVANT LA LETTRE: ENTRADA À FRANCESA

O fenômeno da imigração francesa e sua influência sobre o imaginário brasileiro remonta ao tempo da partida de D. João VI, em 1821, com o advento de uma nova aristocracia: a pequena burguesia emergente a quem agora urge manter-se no topo da escala social e a proclamar abertamente, sem qualquer inferioridade, os mesmos costumes e gosto pelo luxo manifestos pela nobreza.

A primeira leva da imigração francesa tivera início em torno de 1840, fomentada pela imagem paradisíaca dos trópicos criada por artistas franceses desempregados no exílio. O clima, o choque étnico e cultural, o racismo e o cientificismo determinista, porém, seriam fatores geradores do declínio do fluxo imigratório, culminando com uma Circular do Governo Francês de 1875 que visava desestimular a chamada imigração contratada, sem, contudo, impedir a imigração espontânea.

“Boa parte dos imigrantes veio porque ‘uma circunstância infeliz nos obriga a buscar em seus estados um futuro perdido. Nós pensávamos que a terra do Brasil responderia ao nosso trabalho’”, como explicavam os colonos. (VIDAL, LUCA, 2009)

Desde o Governo Imperial havia um empenho público em atrair uma mão de obra qualificada que contribuísse para o “processo civilizador”. Para isso foram criadas agências de emigração na Europa. Assim que, em 1889, quando da inauguração da Torre Eiffel, erguida para sediar em Paris a Exposição Universal, o governo brasileiro divulga na capital francesa seu Guia do Imigrante, espécie de marketing *avant la lettre* em que o País, já livre da escravidão e da educação católica obrigatória, surge em luxuosas publicações francesas como “um belo empório” do liberalismo econômico, e São Paulo como “o mais promissor Estado da Federação”.

Imensidão.
Temperatura para todas as raças.
O Brasil tem necessidade de uma população numerosa.
O Brasil é um país novo.
O Brasil é um país agrícola.
O Brasil é um país livre, absolutamente livre.
É um país de Liberdade, é um país da Ordem.
Sem revoluções.
(NERY, 1889)

4 A IMIGRAÇÃO: INVISÍVEL OU INTANGÍVEL?

Impregnada de ideias iluministas de progresso e civilização, a imagem da imigração francesa é a de uma população urbana e qualificada. Brito Broca identifica uma síndrome, a Parisiana: “ignorar o Brasil e suspirar por Paris”, atitude que qualifica de “afetada e nem sempre inteligente”. “A admiração pela França constituiu um traço marcante das elites brasileiras desde os primórdios da Independência. [...] Tratava-se, então, de construir uma civilização nos trópicos, digna da herança recebida do velho continente”. (VIDAL, LUCA, 2009)

No imaginário da população paulistana, vige a imagem da França enquanto “civilização” e “agentes civilizadores”, com que se buscava combater os resquícios de Portugal e África. Artigos são valorizados mediante a rubrica “vindo de Paris”. Em nítido contraste com a massa empobrecida de imigrantes mediterrâneos, a imigração francesa é constituída “basicamente por homens de ofícios técnicos, do setor de serviços e profissionais liberais e comerciantes”. Comércio este que se caracteriza como uma indústria do luxo, fazendo do centro da cidade de São Paulo, por sua vez, “um microcosmos do comércio de luxo parisiense” (MARTINS, 2009).

A lista de produtos culturais inclui obras de arte, perfumes, alta costura, “em síntese tudo o que faz o prestígio dos artigos de Paris” (MAURO, 1974). Concorre ainda para o fortalecimento da presença francesa a diplomacia cultural da França e a Aliança Francesa, que ajuda a propagar o idioma nos círculos privilegiados. “A língua administrativa é língua portuguesa; o francês, língua preferida das classes superiores, é também forte no mundo do ensino”. (AVENEL, 1892)

“O café foi o dínamo do enriquecimento da Província e, ao contrário do que acontecia com os fazendeiros do açúcar, o centro da vida foi a cidade, não a fazenda”. A elite econômica representada pelos fazendeiros de café sofisticou-se, e já não mais se contentava com hábitos simples. A propagação e a penetração do ideário cultural francês tornam-se patentes para os membros da elite, fosse por meio de livros, de viagens ou de estudo na Europa ou dos ‘prestimosos’ serviços oferecidos por um ou outro imigrante provindo da França. (BIVAR, 2008)

5 DA EDUCAÇÃO, DA ÉTICA E DA ETIQUETA

Por meio do aprendizado da língua, das viagens, da educação francesa, a elite brasileira irá reivindicar afinidades e procurar diminuir as “desvantagens” naturais que os estrangeiros insistem em apontar. (MARTINS, 2009)

“Amalgamavam-se dois tipos de influência: ‘o primeiro é aquele exercido unilateralmente e à distância, resultado do processo imperialista; o segundo é aquele concretizado pela presença de indivíduos de origem estrangeira, fisicamente presentes, portadores de uma vivência outra, trazida de suas experiências culturais anteriores’ (BARBUY, *in* VIDAL, LUCAS, 2009)”

Impregnado o ideário cultural francês por toda a classe dominante, com seu paradigma civilizatório, as elites brasileiras passam a ter por compromisso “levar uma vida elegante”, concepção gestada no século XIX e que alcança a Belle Époque, no século XX.

De acordo com o novo código, ser civilizado era ter boas maneiras, conhecer e praticar a etiqueta (ao que Alfredo Bosi lembraria: *etichetta*, no italiano, significa em verdade *piccola etica*, isto é, pequena ética), ser polido, conter as emoções, falar corretamente, vestir-se na moda, conhecer Paris etc. O francês adquire status de língua universal, das ciências, da Corte, das artes. Mais do que aos rapazes, conferia distinção às moças, às quais convinha também tocar piano, o que as destacava para possíveis pretendentes.

A figura do(a) preceptor(a) em casa era corrente entre os abastados. Some-se o surgimento de colégios franceses (o Sacre Coeur, os maristas)

Assim que a figura de Mademoiselle corresponde e inscreve-se, numa perspectiva literária, no círculo das “pessoas comuns, não grandes personagens acompanhados de grandes feitos, mas agentes históricos integrando-se e interagindo com as mais diversas camadas sociais.” (BIVAR, 2008).

6 REFLEXÃO FINAL: A PALAVRA E O SENTIDO

Alfredo Bosi observa que as palavras *cultura*, *culto* e *colonização* derivam do mesmo verbo latino *colo*, “cujo particípio passado é *cultus* e o particípio futuro é *culturus*.”

Colo significou, na língua de Roma, *eu moro*, *eu ocupo a terra*, e, por extensão, *eu trabalho*, *eu cultivo o campo*. [...] *Colo* é a matriz de *colônia* enquanto espaço que se está ocupando: eu moro; eu cultivo. [...] E, a rigor, o que diferencia o habitar e o cultivar do colonizar? Em princípio, o deslocamento que os agentes sociais fazem do seu mundo de vida para outro onde irão exercer a capacidade de lavrar ou fazer lavrar o solo alheio. [...] *Tomar conta de*, sentido básico de *colo*, importa não só em *cuidar*, mas também em *mandar*. [...] A colonização não pode ser tratada como uma simples corrente migratória: ela é a resolução de carências e conflitos da matriz e uma tentativa de retomar, sob novas condições, o domínio sobre a natureza e o semelhante que tem acompanhado universalmente o chamado processo civilizatório. (BOSI, A.)

A imigração francesa em nenhum momento se configurou *colonizadora*, no estrito sendo do termo tal como definido. Importa, porém, atentar para a sutil penetração de seu ideário na constituição da história social pública e privada do Brasil do último século e meio.

Na mediação simbólica aqui representada pela prática cultural de uma peça literária, e ainda seguindo o raciocínio de Bosi, em que *culturus* é “o que se vai trabalhar, o que se quer cultivar”, há que se observar, conforme o autor: “Cultura é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social. **A educação é o momento institucional marcado do processo**”.

7 BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário de. **Contos Novos**. 16ª Ed. Belo Horizonte: Vila Rica, 1996.

_____. **Aspectos da Música Brasileira**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965.

_____. **De Paulicéia Desvairada a Café (Poesias Completas)**. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

BIVAR, Vanessa dos Santos Bodstein. **Vivre à St. Paul: os imigrantes franceses na São Paulo oitocentista**. Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-14052008-151916/pt-br.php>>.

Acesso em 20 maio 2013.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CAMARGOS, Márcia. **Villa Kyrial**, Crônica da *Belle Époque Paulistana*. São Paulo: Editora Senac, 2001.

VIDAL, Laurent; LUCA, Tania Regina de (org.) **Franceses no Brasil: séculos XIX-XX**. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.